

REENCONTRO
literatura

Raul Pompéia

O Ateneu

Adaptação de
Carlos Heitor Cony

Ilustrações de
Rogério Borges



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Samira Youssef Campedelli

Assistente editorial
Nilva Pereira

Preparadora
Sílvia Cunha

Revisores
César G. Sacramento,
Daniela Bessa Puccini e
Paula Teixeira

Coordenadora de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramador
Fábio Cavalcante

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012

ISBN 978-85-262-5024-6 – AL

ISBN 978-85-262-5025-3 – PR

Cód. do livro CL: 733392

2.^a EDIÇÃO

9.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pompéia, Raul, 1863-1895

O Ateneu / Raul Pompéia; adaptação de Carlos Heitor Cony. – São Paulo: Scipione, 1998. (Série reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil 2. Romance brasileiro
I. Cony, Carlos Heitor, 1926. II. Título. III. Série.

98-2408

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>Nota do adaptador</i>	5
<i>Quem foi Raul Pompéia?</i>	6
Capítulo 1	7
Capítulo 2	14
Capítulo 3	21
Capítulo 4	29
Capítulo 5	38
Capítulo 6	49
Capítulo 7	57
Capítulo 8	66
Capítulo 9	77
Capítulo 10	82
Capítulo 11	91
Capítulo 12	102
<i>Quem é Carlos Heitor Cony?</i>	111

NOTA DO ADAPTADOR

VIEIRA E TIRIRICA

O editorial da *Folha de S. Paulo* de 20 de outubro de 1997 fez considerações sobre a dificuldade das novas gerações em consumir os clássicos de nossa literatura. Uma pesquisa em dez escolas constatou que “aumentam as dificuldades dos alunos em ler autores dos séculos passados, que vão se tornando incompreensíveis”.

Isso explica por que, num desses últimos vestibulares, o texto escolhido foi uma obra de Tiririca, por sinal acusada de ser racista. Para a análise em nível escolar, tanto faz a sintaxe de Tiririca ou a de Vieira. A explicação para a escolha é simples: os alunos jovens compreendem o que o Tiririca propõe. E nenhum deles teria condições de penetrar no *Sermão da sexagésima*.

Não se trata de uma questão de gosto, mas de penetração. Por isso mesmo, Charles Lamb pegou as peças teatrais de Shakespeare e as reduziu a contos – que com o tempo também se tornaram clássicos. Monteiro Lobato fez o mesmo com *Dom Quixote* e *Gulliver*.

São textos com linguagem atual, em versões reduzidas, que eliminaram digressões e ângulos mortos. Sobraram apenas as personagens e a história em si.

Com isso, pretendeu-se chamar a atenção dos jovens para os textos originais. Mais ou menos o que algumas orquestras fazem com partituras clássicas, gravando adaptações ou sequências que quebrem o gelo entre a versão dos autores e o ouvido ainda não educado.

São muitos os que condenam essa liberdade. Consideram sacrílegas essas versões. Pessoalmente, sou a favor. Li Swift pela primeira vez através de Monteiro Lobato. Já fiz diversas adaptações de clássicos. Mas não pretendo concorrer com o Tiririca.

QUEM FOI RAUL POMPÉIA?

Nascido em Angra dos Reis, RJ, Raul Pompéia era filho de abastados proprietários rurais. Aos dez anos foi matriculado numa das melhores escolas do Rio de Janeiro, um rigoroso internato dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, o barão de Macaúbas.

Concluídos os estudos primários, entrou para o Imperial Colégio D. Pedro II, onde estudavam os filhos das famílias ricas. Sua sólida formação escolar incluiu um extenso currículo humanístico e científico e muita leitura vinda da França, principalmente os livros de Flaubert e de Zola e as ideias de Rousseau.

Ao término dessa etapa escolar, Raul Pompéia já tinha pronto o seu primeiro livro, *Uma tragédia no Amazonas*.

Aos 18 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito, em São Paulo. Corria o ano de 1881 e o jovem logo se encantou com as ideias abolicionistas e republicanas que imperavam no meio paulistano. Em 1884, já um jornalista consagrado, publica o volume *As joias da coroa* e muda-se para Recife, onde termina o curso de leis, em 1885.

Longe da agitação paulistana, Raul Pompéia começa a escrever o livro que haveria de consagrá-lo. Termina-o no Rio de Janeiro, para onde retornou, em 1887. *O Ateneu* – ou *Crônica de saudades* – foi publicado em folhetins, durante 1888, com ilustrações do próprio autor, também um exímio desenhista. Depois de proclamada a República, o escritor dedicou-se ao ensino na Escola Nacional de Belas Artes. Acentuou-se nele o radicalismo político. Desenhista de renome, publicava charges ofensivas a todos que o contrariassem. Foi assim que acabou por ofender o presidente Prudente de Moraes. Atacado por jornalistas opositores, Raul Pompéia não conseguiu superar uma intensa crise pessoal, que o levou ao suicídio, em 1895.

Capítulo 1

— Você vai encontrar o mundo, coragem para a luta — disse meu pai à porta do Ateneu. Não demorou muito para que descobrisse a verdade deste aviso. Verdade que me tirou todas as ilusões de criança, cultivadas pelo excesso de zelo com o qual minha mãe me criara.

Eu tinha onze anos.

Antes, frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, davam aulas por conta própria. Deste tempo ficaram duas recordações: o pão com manteiga que nos serviam ao meio-dia e o primeiro palavrão que ouvi em minha vida.

Depois, tive aulas com um professor particular.

Apesar destas experiências, eu ainda me sentia virgem para as sensações da nova fase: o internato. Arrancado de casa, chorei a perda das minhas primeiras alegrias: meus brinquedos estariam condenados ao abandono.

Somente a vaidade foi capaz de animar-me. Afinal eu estava deixando o domínio familiar para tornar-me um homem, responsável por meus atos.

Um dia, meu pai me pegou pela mão, minha mãe beijou-me a testa e eu parti.

Tinha visitado o Ateneu duas vezes antes.

Era o grande colégio da época. Famoso pela suntuosa divulgação, feita por um diretor que de tempos em tempos reformava o estabelecimento, enchendo-o de novidades, como os negociantes que fazem grandes liquidações antes dos novos lançamentos. Já fazia tempo que o Ateneu conquistara a preferência dos pais, sem falar da simpatia que despertava na meninada.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com seu renome de pedagogo. Espalhava anúncios pelas províncias, fazia conferências em todas as partes da cidade e, a pedidos ou

não, distribuía seus livros por todos os lugarejos. Invadia as escolas públicas com suas capas azuis, rosas, amarelas, em que o nome Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao deslumbramento dos possíveis alunos.

Não era de se admirar que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepção da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedrarias, exaltando a nobreza de suas medalhas. Ateneu! Ateneu! Aristarco era todo um anúncio.

Nestas ocasiões, não só as condecorações se faziam notar. Os gestos, calmos e soberanos, eram de um rei; a pausa bem planejada do andar mostrava o esforço que fazia para levar adiante o progresso do ensino público. O olhar brilhante, sob as grossas sobrancelhas franzidas, enchia de luz quem estivesse ao redor – era a educação da inteligência. O queixo, severamente barbeado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. A própria estatura dizia dele: aqui está um grande homem. Acrescentava-se a tudo isso um par de bigodes retorcidos. Está esboçado assim, moral e materialmente, o perfil do ilustre diretor.

Como ainda não pudesse admirar-se em estátua, Aristarco satisfazia-se provisoriamente com a afluência dos estudantes ricos para seu instituto. De fato, os alunos do Ateneu eram o melhor da juventude brasileira.

Confiando nesta seleção apuradora, na qual é comum o erro de julgar melhores as famílias mais ricas, muitas para lá mandavam os filhos. Foi assim que eu entrei.

A primeira vez que vi o Ateneu foi por conta de uma festa de encerramento.

Uma das salas de frente do edifício, a que servia de capela, foi transformada em anfiteatro. Desarmado o oratório, construíram a arquibancada, a ser ocupada pelos alunos. Como a maioria preferia exhibir os exercícios de ginástica, sobrava pouco espaço para os espectadores. Os pais e demais convidados eram obrigados a ocupar também a sala imediata. Desta antessala, trepado a uma cadeira, eu espiava. Meu pai passava-me as informações.

Em frente à arquibancada, numa mesa coberta por pano verde grosso, enfeitado com tufos de fios dourados, estavam o diretor, o Ministro do Império, a comissão dos prêmios. Aristarco fez um discurso comovente. Mestres e alunos também falaram. Houve cantos e poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo me transmitia um prazer respeitoso. A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, dava a impressão de um militarismo brilhante, preparado para as campanhas da ciência e do bem.

Um discurso me chamou atenção: o de Venâncio, professor do colégio, certamente mal remunerado. Apesar disso, era um homem importante, sabia falar grosso. Pequenino e firme, haveria de fazer carreira. Em tom didático, louvou os valores da inteligência e a vida de colégio; exaltou o Mestre em geral e, em particular, Aristarco e o Ateneu. “Acima de Aristarco – Deus! Deus tão somente. Abaixo de Deus – Aristarco.”

Voltei ao colégio por ocasião da festa da ginástica.

O Ateneu ficava no Rio Comprido, na extremidade dos morros. As sombras formadas pelas pedras e a vegetação selvagem davam ao edifício um ar melancólico, resistente até mesmo ao sol dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era uma imitação da terrível atmosfera que dominava outra casa de educação, famosa na época, o sinistro Caraça de Minas. Mas que a Aristarco muito agradava – dizia: é a atmosfera moral da meditação e do estudo.

No dia da festa da educação física, não percebi a solidão da paisagem montanhosa, que haveria de notar depois. A profusão dos enfeites embelezava e alegrava tudo. Por todos os lados apinhava-se o povo. Meu pai me segurava firmemente pelo pulso, para que não me extraviasse.

Ao longo do muro, colocaram duas filas de cadeiras ocupadas quase que exclusivamente por senhoras. Algumas protegiam o olhar com o leque à altura da frente. Outras empunhavam binóculos. Na direção dos binóculos distinguia-se a massa branca em movimento. Eram os rapazes. “Aí vêm!” – avisou meu pai. – “Vão desfilar diante da princesa!” A princesa imperial, Regente nessa época, estava num palanque à direita.

Momentos depois passaram por mim os alunos do Ateneu. Cerca de trezentos. Pareciam incontáveis. Todos de branco, apertados em largas cintas vermelhas, com alças de ferro sobre os quadris e na cabeça um pequeno gorro, preso por cadarço de pontas livres. No ombro esquerdo traziam laços distintivos das turmas.

Depois do desfile, distribuíram-se em pelotões e, embalados pelo ritmo da banda, fizeram manobras de um exército bem comandado. Na frente, Bataillard, o professor de ginástica. Destacava-se tanto pelos músculos, como pela rapidez dos gestos certos. Dava as ordens com uma vibração penetrante que dominava a distância, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes. Acabadas as evoluções, apresentaram-se os exercícios. Um espetáculo triunfal da saúde, da força, da mocidade.

Enrubescido de agitação, rouco de comandar, Bataillard chorava de prazer. Duas bandas militares revezavam-se, animando a massa dos espectadores. O coração pulava-me no peito, com um alvoroço que me arrastava para o meio dos alunos. Eu batia palmas. Gritos me escapavam, dos quais me arrependia quando alguém me olhava.

Aristarco arrebatava de satisfação. Deixara de lado o comedimento soberano que eu lhe admirara na primeira festa. Andava rapidamente entre a multidão, distribuindo cumprimentos para os convidados especiais e acenos amáveis para todos. Ator profundo, era a alma da festa, alma de seu instituto.

Uma coisa o entristeceu, um pequenino escândalo. Seu filho Jorge, durante a distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber a medalha. Era republicano o guri! Ninguém mostrou perceber a bravura. Aristarco, porém, chamou-o à parte. Encarou-o silenciosamente e – nada mais. Ninguém mais viu o republicano.

Começava a anoitecer e o colégio formou ao toque de recolher. Eu já estava indo embora quando acenderam-se diante da casa os fogos de artifício. Com suas quarenta janelas resplandecentes, o Ateneu provocava o encantamento e o terror de castelo fantasma. Um jato de luz elétrica, saído de foco invisível, atingia a inscrição dourada:

A T H E N Æ U M

